

**12/7/1986**

**Os mortos: uma moça e um rapaz**

Leme (SP) — Aos 17 anos, com dois filhos para criar, de dois e três anos, Sueli Aparecida Correa viu ontem desabar por terra seu sonho de melhorar de vida. Esperando a liberação do corpo do marido, Orlando Corroa, de 22 anos, Sueli lamentou o dia em que saiu da sua cidade natal no Paraná e, como bóias-frias, começaram a peregrinar pelo estado de São Paulo em busca de trabalho.

Sueli, Orlando e os filhos Ronaldo e Luciana chegaram a Leme há dois meses vindos do município de Itápolis, onde colhiam laranja. "Eu não queria vir para cá, eu gostava de lá. Mas ele ficou com medo de não ter o que comer porque o trabalho acabou", conta ela em meio a uma crise de choro e revolta. "Meu marido não era bagunceiro, sempre lutou pela casa e se preocupava muito com a família. Agora, eu não sei o que vai ser da gente", disse.

Apesar de analfabeta, de pouco saber sobre seus direitos, a mulher de Orlando quer ver os culpados pela morte de seu marido julgados e presos. Ela não aceita a versão de que os disparos partiram de um carro de chapa fria. "A violência maior foi da polícia. Eles estão inventando isso para tirar o corpo fora", disse. Trabalhando também como bóia-fria, Sueli recebia em média Cz\$ 150 por semana e o marido Cz\$ 250. "Atualmente, ele estava sem trabalho por estar com o pé machucado." O último dinheiro que entrou em sua casa foi o salário correspondente ao trabalho entre os dias 23 e 28 de junho. Ela recebeu Cz\$ 332,39 por ter colhido 407 metros de cana queimada e Orlando Cz\$ 500,63 como pagamento pela sua produção de 613 metros de cana queimada.

Com o dinheiro que recebiam, Sueli e Orlando pagavam Cz\$ 200,00 por mês e mais Cz\$ 100,00 semanais para uma menina olhar as crianças. O tio de Orlando, José Thomas de Aquino, que estava com ele no Jardim Itamarati quando o sobrinho foi atingido, diz que Orlando, cortador da cana como ele, "não era piqueteiro nem baderneiro". "Ele morreu e eu levei três borrachadas no lombo e nas nádegas."

Ceramista, 38 anos, Silvio Pinheiro dos Santos foi até a Santa Casa de Misericórdia, quando ouviu pelo rádio que uma menina de 17 anos havia sido morta. "Não imaginei que pudesse ser minha sobrinha", comentou desolado. Segundo ele, ninguém na cidade achava que iria haver repressão. "Para nós, a polícia tinha vindo para acalmar o povo. Jurávamos que os tiros que ouvíamos de longe eram de festim", disse. Ao lado dele, o irmão de Cibeles, Silvio Aparecido Manoel, de 15 anos, só sabia repetir uma frase: "Uma vez ela foi numa greve e gostou. Agora ela tá morta."

**(Página 13)**